

1

Um calor terrível, o ar cem por cento saturado de humidade. Era como se toda a gigantesca cidade, com os seus prédios sobre-humanos, os parques maravilhosos, as pessoas e os cães multicores, tivesse chegado ao ponto de mudança de estado e, dentro em pouco, os corpos meio liquefeitos começassem a flutuar no caldo do ar.

O chuveiro estava sempre ocupado: ia-se lá por turnos. Há muito que andavam sem roupa, só Valentina conservava o sutiã porque, se deixasse em liberdade os enormes seios, com o calor assava-se-lhes a pele nos refegos da base, como aos bebés. Ora, em tempo normal, nunca ela usava sutiã. Os corpos estavam sempre húmidos, a água não se evaporava, as toalhas não secavam, e o cabelo apenas com o secador.

Com as gelosias semiabertas, a luz caía em madeixas listradas. O ar condicionado não funcionava havia vários anos.

Cinco mulheres no quarto. Valentina, de sutiã vermelho. Ninka, com o cabelo comprido e uma cruz dourada ao peito, tão magra que Álik lhe disse:

— Ninka, pareces o cesto das cobras.

O referido cesto estava num canto, lembrança de um impulso de juventude de Álik que tinha ido à Índia em busca da sabedoria antiga mas não trouxera nada além daquele cesto.

Estava ainda no quarto a vizinha Joyka, italiana parvinha que se apegara à casa, escolhendo aquele lugar estranho para aprender a língua russa. Passava a vida a ofender-se com alguém mas, como ninguém prestava atenção aos seus ressentimentos sofisticados, era obrigada a perdoar, magnânima, a toda a gente.

E também Irina Pirson, antiga acrobata de circo e, actualmente, advogada cara, brilhando com o seu púbis artisticamente rapado e os seios novinhos em folha que os cirurgiões americanos — que não conhecem hesitações — modelaram e a que deram uma forma nada pior do que a antiga; a sua filha Maika, de alcunha a *T-shirt*¹, de quinze anos, formas roliças e indefinidas, com óculos e roupa (era a única vestida), estava de cócoras a um canto. Vestia bermudas grossas e a respectiva t-shirt, estampada com uma lâmpada eléctrica e uma inscrição luminescente a dizer *FODA-SE!* em russo. Era obra de Álik, que lha oferecera para o seu aniversário do ano anterior, numa altura em que as suas mãos ainda se mexiam mais ou menos.

No quarto estava deitado, no amplo sofá-cama, o próprio Álik, tão pequeno e jovem como se fosse filho de si próprio. Aliás, ele e Ninka não tinham filhos. E decerto já não viriam a tê-los porque Álik estava a morrer. Uma qualquer paralisia, lenta, ia devorando o que lhe restava dos músculos. As suas pernas e braços jaziam quedos e inanimados, e, mesmo ao tacto, não estavam vivos nem mortos mas suspeitosamente intermédios, como o gesso a solidificar. O mais vivo nele era o cabelo, ruivo, festivo, espetado como uma escova basta, e também o bigode frondoso que lhe ficava grande de mais na cara magra.

Havia já duas semanas que estava em casa, tinha dito aos médicos que não queria morrer no hospital. Devia haver outras razões que os médicos não conheciam nem tinham nada que conhecer. Embora nesse hospital os doutores fizessem um atendimento despachado como num *fast-food*, sem tempo de olharem para a cara do doente, apenas para a boca, o cu ou o que quer que fosse que lhe doesse, até os médicos, portanto, simpatizavam com Álik.

Ora, na casa deles havia um rodopio permanente. Juntava-se ali gente de manhã à noite, e ficava sempre alguém a pernoitar. Para recepções, o espaço era excelente, mas para a vida normal era de todo impossível: um *loft*, armazém remodelado com um fundo separado por uma divisória onde foram equipados um quarto de dormir estreito dotado de uma parte da janela, uma cozinha minúscula e uma casa de banho com chuveiro. E havia ainda um estúdio enorme, iluminado por duas janelas.

A um canto, em cima do tapete, dormiam os convidados retardados e gente ocasional. Às vezes, até cinco pessoas. A porta da casa, a

bem dizer, não existia, entrava-se directamente a partir do monta-cargas que, antes da instalação de Álik, transportava rimas de tabaco, produto que, aliás, continuava fantasmagoricamente presente ainda agora. Havia muito que Álik ocupara a casa, quase vinte anos antes, depois de ter assinado, quase sem o ler, um contrato que viria a verificar-se ser muito vantajoso. E agora continuava a pagar uma pechincha. De resto, não era ele quem pagava a renda, há muito que não tinha dinheiro, nem sequer para pagar aquela pechincha.

Estalou o elevador. Entrou Fima Gruber, despindo do corpo uma camisa azul barata. As mulheres nuas não lhe prestaram atenção, e ele também não deu qualquer importância ao espectáculo. Tinha uma maleta de médico, antiga, trazida de Khárkov pelo seu avô. Fima era um médico da terceira geração, com vasta preparação e ideias originais, mas as coisas não lhe corriam de maneira brilhante, ainda não fizera os exames americanos e trabalhava provisoriamente, havia já cinco anos, como uma espécie de ajudante qualificado de laboratório numa clínica cara. Aparecia todos os dias, como se tivesse a esperança de que a sorte lhe sorrisse e ele se tornasse, de algum modo, útil a Álik. Inclinou-se sobre o doente.

— Como estás, amigo?

— Ah-ah, és tu... Trouxeste o horário?

— Qual horário? — surpreendeu-se Fima.

— Do barco... — Álik esboçou um sorriso débil.

«Está nas últimas — pensou Fima. — Começa a ficar com a consciência turvada.»

E saiu para a cozinha, onde começou a arrancar ruidosamente as cuvetes de gelo coladas ao fundo do congelador.

«Idiotas, que idiotas são todos. Detesto-os», pensou a rapariga.

Na escola, dera recentemente a mitologia grega e foi a única a adivinhar que Álik não se referia ao South Ferry. Com um semblante raioso e altivo, foi até à janela, afastou um canto da gelosia e ficou a olhar para baixo. Ali acontecia sempre alguma coisa.

Álik era o primeiro adulto com quem a miúda se dignara conversar. Como muitos jovens americanos, frequentava sistematicamente os psicólogos, desde cedo, até porque havia razões para isso. Só falava com crianças, abria uma excepção contrariada para a mãe, e os outros adultos, pura e simplesmente, para ela não exis-

tiam. Os professores recebiam dela os trabalhos escritos, exactos e lacónicos. Davam-lhe as notas máximas e encolhiam os ombros. Os psicólogos e os psicanalistas construíam hipóteses complicadas e bastante fantásticas sobre a natureza do seu bizarro comportamento. Gostavam das crianças fora do padrão, eram o ganha-pão deles.

A rapariga conheceu Álik numa vernissage para onde a mãe arrastara a desajeitada filha. Naquela altura, tinham acabado de se mudar da Califórnia para Nova Iorque, e a *T-shirt*, que perdera de uma vez todos os amigos, aceitou ir com a mãe. Esta conhecera Álik ainda na sua juventude circense, em Moscovo, mas na América havia muitos anos que não se viam, tantos que Irina deixou de pensar em definitivo no que lhe diria se se encontrassem. Encontrados que foram na vernissage, Álik pegou-lhe no botão do blazer, com uma águia gorda como uma galinha, arrancou-lho bruscamente, atirou-o ao ar e apanhou-o na mão. Depois abriu-a e olhou de relance para a águia reluzente.

— Pois é, tenho de te dizer uma coisa.

O seu braço direito pendia ao longo do corpo como morto. Com o braço esquerdo apertou contra si a cabeça de Irina, com o seu cabelo loiro escuro e espesso, impecavelmente penteado, apanhado por uma fita de seda preta bordada nas pontas com pérolas naturais, e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Irina, vou morrer em breve.

Ai vais? Pois morre à vontade. Para mim há muito que morreste... No entanto, Irina sentiu a ponta da lâmina estreita e fina no estômago e o movimento vagaroso do metal a enterrar-se, e uma dor cortante até à coluna. Ao lado estava a filha, a olhar com os olhos bem abertos.

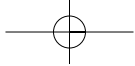
— Vamos a minha casa — sugeriu Álik.

— Tenho a filha comigo. Não sei se ela quer ir. — Irina olhou para *T-shirt*.

Há muito que a miúda não ia com ela a lado nenhum, e já lhe custara muito convencê-la a ir à exposição. Mas perguntou-lhe, com a certeza absoluta de uma negativa:

— Queres ir ao estúdio do pintor, que é meu conhecido?

— Este ruivo? Quero.



Foram. Os quadros eram recentes mas lembravam muito os trabalhos antigos de Álik. Alguns dias depois, voltaram a visitá-lo, por mero acaso, ficava-lhes em caminho. Irina tinha sido convocada para uma reunião importante e resolveu deixar a *T-shirt* no atelier por umas três horas ou assim; e, quando voltou, deparou com uma cena inverosímil: berravam um com o outro como duas aves enfurecidas. Álik abanava a mão esquerda — a direita mirrara e quase não funcionava —, e dobrava os joelhos, aos saltinhos.

— Será que não te passa pela cabeça que o principal é a assimetria? Está tudo na assimetria! A simetria é a morte! A paragem completa! O curto-circuito!

— Não grites! — berrava a *T-shirt*, enrubescida, com todas as sardas à vista, com mais sotaque do que habitualmente. — E se eu gostar? Gosto, e acabou-se. Porque é que vocês querem ter sempre razão, sempre?

Álik baixou a mão.

— Essa agora... francamente...

Irina por pouco não desmaiou ao pé do elevador. Álik, sem querer e sem saber, destruíra num instante aquela estranha forma de autismo de que a rapariga sofria desde os cinco anos. Uma velha chama maldosa acendeu-se-lhe na alma, mas logo se apagou: em vez de arrastar a filha pelos consultórios dos psiquiatras, não seria melhor dar-lhe a possibilidade de comunicação humana que tanto lhe faltava...

2

O elevador voltou a dar um estalido. Ninka viu a nova visitante no vão da porta e precipitou-se para ela ao mesmo tempo que enfiava o quimono preto.

Uma mulherzinha baixa, de grossura invulgar, instalou-se, bufando, na poltrona baixinha, colocando com cuidado entre os joelhos um saco de compras pançudo. A mulher, carmesim, lançava vapores, as suas bochechas pareciam refulgir em lustros de samovar.

— Mária Ignátievna! Há três dias que estou à sua espera!

A mulher sentou-se à borda da poltrona, abrindo as pernas rosadas; nos pés tinha uns meotes rasos do tipo «pés», uma coisa desconhecida no continente americano.

